

## A POESIA DA REVOLUÇÃO<sup>1</sup>

G. K. Chesterton

Tradução de Wilson Coimbra Lemke<sup>2</sup>

Recebido em: 02/2021

Aprovado em: 10/2021

TODOS, exceto um capitalista consistente e satisfeito, que deve ser algo bem próximo de um Satanista, devem se alegrar com o espírito e o sucesso da Batalha dos Ônibus. Mas, uma coisa que me agrada particularmente é que ela foi travada, pelo menos em um aspecto, em um ponto que o tolo plutocrático chama de impraticável. Foi discutido sobre um símbolo, um crachá, uma coisa com nenhum resultado prático, como as bandeiras pelas quais os homens se deixam cair mortos, ou os santuários pelos quais os homens andam a centenas de quilômetros de suas casas. Quando um homem está de olho nos negócios, tudo o que acontece nesta terra nesse estilo é simplesmente invisível para ele. Mas, sejamos caridosos aos olhos dos negócios; o olho está muito bem enegrecido dessa vez.

Mas, desejo insistir, aqui, que é exatamente o que é chamado a parte não prática da coisa que é realmente a prática. A principal diferença entre homens e animais é que todos os homens são artistas; embora a maioria esmagadora de nós seja um artista ruim. Como a velha fábula realmente diz, os leões não fazem estátuas; até a astúcia da raposa não pode ir além da

---

<sup>1</sup> Título original: The Poetry of the Revolution. In: CHESTERTON, G. K. (Gilbert Keith). *Utopia of Usurers and other Essays*. New York: Boni and Liveright, 1917, p. 209-217. Disponível em: <https://archive.org/details/utopiaofusurerso00ches/page/208/mode/2up>. Acesso em: 05 jul. 2020.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Bolsista CAPES). Pós-graduando em Doutrina Social da Igreja e Ordem Social pelo Centro Anchieta, em parceria com a Faculdade Pio XII. Especialista em Direito Tributário e Processo Tributário pela Faculdade de Direito de Vitória (2018). Bacharel em Direito pela Universidade Vila Velha (2016). Autor de livros e artigos publicados em periódicos especializados. Dentre suas principais obras, destacam-se: “A Inspiração Maquiaveliana do Estado Brasileiro” (Prefácio de Lenio Luiz Streck), obra distinguida com o Prêmio Inovação Acadêmica Discente - Dr. Aly da Silva, Universidade Vila Velha (2016); e “Tributos Mundiais: O Poder Supranacional de Tributação” (Apresentação de Sacha Calmon Navarro Coêlho, Prefácio de Ives Gandra da Silva Martins, e Posfácio de Hugo de Brito Machado). Copidesque da Revista de Direitos e Garantias Fundamentais (2018). Prêmio Ministro Carlos Alberto Menezes Direito, do Centro de Pesquisas Judiciais, promovido pela Associação dos Magistrados Brasileiros (2020). Advogado inscrito na OAB/ES. E-mail: [wilson\\_coimbra@hotmail.com](mailto:wilson_coimbra@hotmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5023059856695287>

realização de deixar um modelo exato da pata vulpina: e mesmo essa é uma conquista que ele deseja que não tenha tido. Há estátuas Criselefantinas, mas não puramente elefantinas. E, embora falemos, de uma maneira geral, da trombeta de elefantes, é apenas por insultos humanos que ele pode ser induzido a tocar tambor. Mas, o homem, selvagem ou civilizado, simples ou complexo, sempre deseja ver sua própria alma fora de si; em alguma incorporação material. Ele sempre deseja apontar para uma mesa em um templo, ou um pano em um bastão, ou uma palavra em um pergaminho, ou um crachá em um casaco, e dizer: “Essa é a melhor parte de mim. Se necessário, será o resto de mim que perecerá”. Este é o método que parece tão pouco comercial para os homens que estão de olho nos negócios. Este também é o método pelo qual as batalhas são vencidas.

### O simbolismo do distintivo

O crachá no casaco de um sindicalista é um pedaço de poesia no sentido genuíno, lúcido e lógico em que Milton definiu a poesia (e ele deveria saber) quando disse que era simples, sensual e apaixonada. É simples, porque muitos entendem a palavra “distintivo”, que talvez nem entendam a palavra “reconhecimento”. É sensual, porque é visível e tangível; é encarnado, como todos os bons deuses foram; e é apaixonada, nesse sentido perfeitamente prático, que um homem de olho nos negócios pode algum dia aprender mais do que gosta, que existem homens que permitirão que você risque uma palavra em um documento teórico, mas que não permitirão que você tire um botão grande de suas roupas corporais, simplesmente porque você tem mais dinheiro do que eles. Agora, penso que é essa sensualidade, essa paixão e, acima de tudo, essa simplicidade que são mais desejadas nesta revolta promissora de nosso tempo. Pois, essa simplicidade é, talvez, a única coisa em que o melhor tipo de revolucionário recente fracassou. Ultimamente, tem sido nossa tristeza saudar o pôr do sol de uma das poucas carreiras limpas e incorruptíveis na fase mais corruptível da Cristandade. A morte de Quelch naturalmente direciona os pensamentos para aqueles teóricos marxistas extremos, que, o que quer que possamos ter sobre sua filosofia, certamente tiveram sua honra como ferro. E, no entanto, mesmo neste instante de reverência instintiva, não consigo sentir que eles foram poéticos o suficiente, infantis o suficiente, para fazer uma revolução. Eles tinham toda a audácia necessária para falar com o déspota; mas não a simplicidade necessária para falar com a democracia. Eles sempre foram acusados de serem muito amargos contra o capitalista. Mas, sempre me pareceu que eles eram (inconscientemente, é claro) muito gentis com ele. Eles

tinham o hábito fatal de usar palavras longas, mesmo em ocasiões em que ele poderia, com propriedade, ter sido descrito em palavras muito curtas. Eles o chamavam de capitalista quando quase todo mundo na Cristandade o chamava de gigolô. E “gigolô” é uma palavra do vocabulário poético que indica uma reação mais geral e poderosa das emoções do que um status que poderia ser definido em uma obra de economia. O capitalista, adormecido ao sol, deixou que palavras tão longas se arrastassem por ele, como tantas lagartas longas, macias e peludas. Lagartas não podem picar como vespas. E, ao repetir que os velhos marxistas foram, talvez, os melhores e mais bravos homens de nosso tempo, digo também que teriam sido melhores e mais corajosos ainda se nunca tivessem usado uma palavra científica e nunca tivessem lido nada além de contos de fadas.

### O Individualista Bestial

Suponha que eu vá para um navio, e o navio afunde quase imediatamente; mas eu (como as pessoas nas Baladas Bab), por me apegar a um mastro, acabo sendo lançado em uma ilha deserta. Ou melhor, suponha que eu não seja lançado sobre ela, mas continuo flutuando na água, porque o único homem na ilha é o que alguns chamam de individualista, e não me atira à corda; apesar de bobinas de corda da mais irritante elaboração e limpeza serem visíveis ao seu lado, enquanto ele fica na praia. Agora, parece-me que, se, em meus esforços para gritar com essa criatura do outro lado dos arrombadores, eu chamar sua posição de “posição insularista” e minha posição de “posição semi-anfíbia”, muito tempo valioso pode ser perdido. Eu não sou um anfíbio. Eu sou um homem se afogando. Ele não é um insularista, ou um individualista. Ele é uma besta. Ou melhor, ele é pior do que qualquer besta pode ser. E se, em vez de me deixar afogar, ele me faz prometer, enquanto estou me afogando, que se eu chegar à praia, será como seu escravo corporal, não tendo reivindicações humanas a partir de agora e para sempre, então, por toda a teoria e prática do capitalismo, ele se torna um capitalista, ele também se torna um gigolô.

Agora, a linguagem da poesia é mais simples que a da prosa; como se pode ver quem já leu o que o protestante antiquado costumava chamar confiantemente de “sua” Bíblia. E, sendo mais simples, também é mais verdadeiro; e, sendo mais verdadeiro, também é mais feroz. E, para a maioria das infâmias de nosso tempo, não há realmente nada suficientemente simples, exceto a linguagem simples da poesia. Tomemos, digamos, a facilidade do recente desastre ferroviário, e a absolvição do interesse dos capitalistas. Não é um problema científico para nós

investigarmos. É um crime cometido diante de nossos olhos; cometido, talvez, por cegos ou maníacos, ou homens hipnotizados, ou homens de alguma outra maneira inconscientes; mas cometidos em plena luz do dia, de modo que o cadáver esteja sangrando no degrau de nossa porta. Boas vidas foram perdidas, porque boas vidas não pagam; e más brasas pagam. Parece simplesmente impossível obter outro significado fora do assunto, exceto isso. E, se na história da humanidade existe algo simples e horrível, parece estar presente nessa questão. Se, mesmo depois de algum estudo e entendimento das antigas paixões religiosas que foram a ressurreição da Europa, não podemos suportar a extrema infâmia de bruxas e hereges literalmente queimados vivos — bom, as pessoas nesse caso foram literalmente queimadas vivas. Se, quando realmente tentamos estender nossa caridade além das fronteiras da simpatia pessoal, a todas as complexidades de classe e credo, ainda sentimos algo insolente no homem triunfante e absolvido que está errado, aqui os homens que estão errados são triunfantes e absolvidos. Não é assunto para a ciência. É um assunto para a poesia. Mas, para poesia de um tipo terrível.